

ESTUDANTES NAS RUAS

Apesar da repressão, as entidades estudantis continuavam atuantes, num processo que culminaria nas grandes manifestações de 1968. O fato de o movimento sindical ter sido fortemente reprimido após o golpe, e os partidos políticos extintos em 1965, tornou o ME, embora clandestino, o principal canal de oposição à ditadura. Até o final da década, caberia sobretudo aos estudantes as funções de fiscalizar e denunciar os abusos do regime. À radicalização das forças repressoras nos anos seguintes correspondeu a radicalização dos estudantes, em especial após a morte do secundarista Edson Luís, no início de 1968.

Edson Luís de Lima Souto tinha 18 anos. Como centenas de estudantes, frequentava o restaurante Calabouço, no centro do Rio de Janeiro, que servia refeições parcialmente subsidiadas pelo governo. Em 28 de março de 1968, os “comensais do Calabouço” – como eram chamados na época – organizaram uma manifestação no local, em protesto contra o aumento dos preços. Para dispersar a manifestação, policiais entraram atirando e foram recebidos com paus e pedras. No confronto, Edson Luís foi atingido à queima-roupa, morrendo em poucos minutos. Revoltados, os estudantes não permitiram que o corpo fosse conduzido ao IML. Rumaram imediatamente para a Assembleia Legislativa, onde realizaram o velório. “Mataram um estudante; podia ser seu filho” – a palavra de ordem, exibida nas faixas e gritada durante o cortejo do enterro no dia seguinte, comoveu o país.

Combinando demandas estudantis e um crescente sentimento de oposição à ditadura, as manifestações passaram a atrair artistas, intelectuais, jornalistas, advogados, sindicalistas e outros setores da classe média. A pauta incorporou aspectos essencialmente políticos, como o fim da censura e a liberdade de organização e manifestação, culminando na Passeata dos Cem Mil, em junho de 1968.

Cem mil não foram o suficiente para mudar a política e as práticas da ditadura. Ao contrário, o resultado foi mais repressão. Em agosto houve a invasão da Universidade de Brasília, com a prisão de estudantes e professores. Em 3 de outubro, ocorreu a Batalha da Maria Antônia, em São Paulo, quando o Comando de Caça aos Comunistas (CCC) e estudantes da Universidade Mackenzie atacaram a Faculdade de Filosofia da USP, onde se concentravam os estudantes de esquerda. Poucos dias depois, o 30º Congresso da UNE, realizado clandestinamente na cidade de Ibiúna, na região metropolitana de São Paulo, foi reprimido pela polícia. Cerca de 900 estudantes foram presos, inclusive as principais lideranças do ME.

Em dezembro, alguns dos principais líderes estudantis, como Luís Travassos, Vladimir Palmeira e José Dirceu, ainda estavam presos quando o presidente Costa e Silva anunciou o Ato Institucional n.º 5, o golpe dentro do golpe. O AI-5

dava plenos poderes ao Poder Executivo para cassar mandatos, suspender direitos políticos, dissolver o Congresso, proibir manifestações políticas e decretar prisões políticas sem direito a habeas corpus, entre outras providências.

Disponível: <http://memorialdademocracia.com.br/card/movimento-estudantil>
Acesso em: 2/4/2019.